

## **A IMPRENSA OPERÁRIA NO AMAZONAS, 1891-1920**

**Maria Luiza Ugarte Pinheiro**

**Universidade Federal do Amazonas (UFAM)**

O jornalismo operário marcou sua presença no cenário amazonense<sup>1</sup>, embora sua participação tenha sido modesta (mas não menos importante) dentro do quadro geral do periodismo local<sup>2</sup>. Alimentaram-no diretamente as importantes mudanças ocorridas no cenário regional, marcadamente a rápida expansão econômica, atraindo e marginalizando amplos contingentes de trabalhadores urbanos, além da entrada vigorosa de imigrantes nacionais e estrangeiros.

Com efeito, a vertiginosa expansão econômica mostrou-se, de imediato, incapaz de acomodar minimamente as sucessivas levas de trabalhadores e “aventureiros” dentro de níveis “aceitáveis” de salário, emprego, moradia, saúde e habitação, alicerçando uma ambiência de insatisfações múltiplas que produziram efeitos políticos inovadores no cenário amazônico. Manifestações de protestos, passeatas, organizações sindicais e greves operárias imprimiram suas marcas na história regional, muito embora a memória preservada deste período aponte seletivamente para a recuperação de eventos menos traumáticos.

No ápice da expansão gumífera, um jornal estudantil noticiou, com certa dose de espanto e inquietação, a emergência da greve como um fenômeno político cada vez mais presente na vida da população de Manaus: “*Em Manaus já se faz greve: elas começam com greves de braços cruzados e metamorfoseiam-se em verdadeiras revoltas*”<sup>3</sup>. De fato, as primeiras greves haviam ocorrido ainda na década de 80 do século XIX, afetando, principalmente, categorias ligadas aos serviços urbanos que começavam a ganhar relevância numa cidade que se projetava como centro exportador de matéria-prima para o mercado mundial. Marítimos e portuários, catraieiros, carroceiros e estivadores, foram os responsáveis pela materialização inicial das manifestações grevistas no Amazonas.

A imigração de portugueses, espanhóis e italianos, ao lado das sucessivas levas de nordestinos, ajudou a articular essas insatisfações com o conjunto de idéias de crítica social que estavam sendo mais fortemente divulgadas no seio da classe trabalhadora estrangeira. A presença constante de trabalhadores de origem européia no interior das associações sindicais e das redações dos jornais operários parece suficiente para reforçar a idéia tradicional que recupera esse segmento específico da classe operária como agente dinâmico do processo de organização e conscientização dos trabalhadores no Norte do país, embora, muitas vezes, essa observação possa sugerir, de forma equivocada, certa dose de passividade e acomodação por parte do conjunto dos trabalhadores nacionais.<sup>4</sup>

Com efeito, ao abrir as portas do país à imigração européia, o Estado brasileiro não se deu conta, pelo menos de imediato, de que estaria recebendo também pessoas que, em maior ou menor grau, estavam articulados com o processo cruento de luta e conscientização dos trabalhadores e cujo movimento, cada vez mais denso em toda a Europa, mantinha-se em contato direto com propostas políticas as mais diversas. Muitas dessas propostas, como o socialismo (em seus diversos matizes) e o anarquismo, eram identificadas e especialmente dirigidas à classe operária, representando um risco efetivo para a manutenção da estrutura capitalista.

Com o ingresso dos primeiros imigrantes, Manaus acolheu também uma gama de militantes anarquistas e socialistas que, desde cedo, procuraram dar vazão às suas convicções políticas, qualificando politicamente as tensões e lutas que começavam, timidamente, a se esboçar no cenário local. Mesmo antes das primeiras grandes manifestações de trabalhadores ocorrerem em Manaus, esforços organizativos ligados ao ideário socialista vigente já se faziam notar através da montagem dos jornais operários, da criação de agremiações sindicais e até mesmo através da criação de um partido político para os trabalhadores.

O surgimento de jornais operários também guarda relação direta com o avanço da imprensa no Amazonas, seja pela proliferação de tipografias, concentrando trabalhadores gráficos que mais tarde irão se lançar na feitura de seus próprios jornais, seja pelo sucesso da nova linguagem, capaz de articular interesses comuns e amplificar a atuação de grupos e segmentos sociais até então incapazes de se fazerem ouvir no seio da comunidade. No período que vai de 1891 a 1928, foram publicados em Manaus pelo menos uma dúzia de jornais operários:

1. *Gutenberg* – 1891-1892;
2. *Operário* – 1892;
3. *Tribuna do Caixeiro* – 1908;
4. *Confederação do Trabalho* – 1909;
5. *O Marítimo* – 1911;
6. *Recordação* – 1911;
7. *A Lucta Social* – 1914;
8. *Folha Marítima* – 1916;
9. *O Constructor Civil* – 1920
10. *O Extremo Norte* – 1920;
11. *Vida Operária* – 1920;
12. *O Primeiro de Maio* – 1928.

Temos clareza de que o que os identifica como operários é o fato de falarem para a classe trabalhadora e/ou de serem produzidos e difundidos em seu nome. No conjunto, trata-se de uma produção pequena, dispersa e descontínua, em que a maior parte dos títulos não vai além dos números iniciais. Embora suas dimensões quantitativas não sejam expressivas, sua importância para

a recuperação da trajetória da classe operária em seu processo formativo foi por demais significativa.

Como em outros locais do país, a introdução dos jornais operários no cenário amazonense também está associada à atuação dos trabalhadores gráficos de Manaus, cuja presença decorria diretamente do florescimento da imprensa e da indústria tipográfica no final do século XIX. A esse respeito, Foot Hardman e Victor Leonardi salientaram que “os gráficos teriam, assim, tanto em Manaus como em todos os centros, maiores ou menores, pelas próprias características de seu ofício, um papel pioneiro na aglutinação da vanguarda operária, através da imprensa classista e do sindicalismo combativo”.<sup>5</sup>

Na mesma direção, Maria Nazareth Ferreira lembra que “toda a extraordinária movimentação que se desenvolveu no seio do operariado brasileiro do final do século passado até as duas primeiras décadas do atual, foi marcada pela presença do operário gráfico. Justamente por ser essa categoria profissional a vanguarda da organização operária no mundo todo, no Brasil não seria diferente”.<sup>6</sup>

Dos doze jornais operários surgidos no período deste estudo (1880-1920), quatro (*Gutenberg*, *Operário*, “*Recordação*” e *A Luta Social*) foram produzidos por esses trabalhadores. De saída, devemos constatar que os gráficos constituíam um pequeno número de trabalhadores alfabetizados no interior do imenso universo iletrado da classe operária. Exigência da profissão, o controle normativo da leitura e da escrita, punha-os em contato permanente com as mais variadas expressões do pensamento e com a discussão política, intimamente associadas à vida jornalística.

Por outro lado, é difícil negar aos gráficos uma condição proletária, embora possamos reconhecer que seus salários não eram tão baixos nem sua vivência tão precária como a maioria dos trabalhadores urbanos<sup>7</sup>. Todavia essa distinção parece não ter ido tão longe a ponto de igualar os gráficos aos segmentos médios urbanos, de onde vinham, *grosso modo*, os demais profissionais da imprensa, nem de impedir que, no seu interior, se forjasse uma inequívoca identificação com a classe operária. Em 1914, a situação dos gráficos amazonenses descrita pelo *A Luta Social* não deixa dúvidas quanto a uma vivência conflituosa e, até certo ponto, dramática:

Há já bastante dias os operários gráficos de – “O Tempo” diariamente publicado nesta cidade, se declararam em greve pacífica.

Segundo fomos informados a falta de pagamento aos operários, motivou o levante.

Havia cinco semanas que os escravos d’aquelle organ não tinham o prazer de contemplar o gorro frigio d’um nikel.

O padeiro à porta, o proprietário amável como sempre ameaçava com despejo; a carne a 1500 e 1700; (ainda dizem que há crise) o merceeiro suspendera o crédito, o calçado gasto, e... enfim pelo esophago só passava (às vezes) um café, água quente em direcção do estomago – é singular. Como sanar esse mal?... Era quase impossível. O caso é que os gráficos d’ “O tempo” já não podiam resistir a Sra. miséria...<sup>8</sup>

Na avaliação de Nelson Werneck Sodré, a distinção entre os gráficos e os “jornalistas” tornava “inevitável e coerente” que logo cedo os gráficos passassem a exprimir suas demandas, insatisfações e anseios nos espaços tradicionais de sua atuação profissional. Além da alfabetização, o domínio da técnica e o acesso direto a máquinas e equipamentos tipográficos foram elementos facilitadores da produção de jornais pela categoria.

Com efeito, alguns números de jornais operários amazonenses foram produzidos nas oficinas gráficas dos grandes jornais, muitas vezes com permissão dos proprietários. No entanto o mais freqüente foi a produção dos jornais operários nas tipografias das agremiações sindicais mais organizadas. Tanto o *Gutenberg* quanto seu sucessor, *O Operário*, saíram das oficinas da Associação dos Artistas Gráficos, então em processo de formação e cuja redação e oficina funcionaram na Praça 5 de Setembro. Infelizmente, a estrutura interna, a qualidade e a quantidade dos instrumentos e das máquinas empregadas nessas tipografias não são informadas nem pelos jornais, nem pela documentação de época. Tanto o *Gutenberg* quanto *O Operário* apresentam um *layout* e uma configuração simples, com quatro páginas de três colunas cada, onde não se percebe a presença de grandes artifícios gráficos, charges ou fotografias. Isso nos leva a pensar na possibilidade de sua elaboração ter ocorrido em meio a condições técnicas quase artesanais, dispensando a sofisticação das modernas máquinas de linotipo que nesta época já haviam chegado a Manaus, como vimos no caso da montagem da Imprensa Oficial. Por outro lado, a tiragem anunciada de 1.500 exemplares não tem nada de modesta, principalmente para os padrões locais.

A novidade principal dos jornais operários, no entanto, não estava na técnica, mas no conteúdo por eles veiculado. De suas páginas, emergiam temas e questões que foram tratados de uma maneira extremamente diferenciada do formalismo e do refinamento estilístico pretendido pelos jornalistas barés. O conteúdo político (e mesmo panfletário) das matérias, a crítica lancinante do mundo social, o tom acentuado de denúncia e o pragmatismo das propostas apresentadas foi a tônica. Como salientou Maria Nazareth Ferreira, o valor da imprensa operária

como documento vivo desse período é incontestável porque é, acima de tudo, informativo e foi o resultado de uma participação efetiva do individual e do coletivo no processo histórico. As condições em que apareceu e se desenvolveu a imprensa operária estão contidas nela mesma, ao lado das condições em que se desenrolava esse período da história do trabalhador brasileiro. Por isso mesmo, seu valor é inegável sob o ponto de vista histórico, pela quantidade e qualidade das informações que revela ao pesquisador.<sup>9</sup>

Assim configurados, as páginas dos jornais operários constituem uma das fontes mais importantes para se chegar a dimensões do viver urbano até hoje pouco exploradas. A lenta formação da classe trabalhadora, enriquecida das experiências dos migrantes nordestinos, os

dilemas quanto ao seu “adestramento” frente a uma lógica de acumulação até então inexistente na região, o quadro dramático das condições de vida e trabalho da população marginalizada, suas expectativas, suas organizações políticas e sindicais e também seus protestos, são temas que ganham amplitude e visibilidade, possibilitando uma revisão integral das imagens saudosistas do período da borracha. Suas páginas desnudam as contradições mais profundas de uma cidade que acabou idealizada como exemplo de progresso e civilização nos trópicos. Assim é que, numa época em que todos os “grandes jornais” não paravam de exaltar a prosperidade e dinamismo da economia regional, o *Gutenberg* era uma rara exceção:

A nossa atuação é a mais desesperada possível, o câmbio cada vez mais baixo e entretanto o governo que se diz representar a opinião pública e pela qual diz estar apoiado, faz-se cego e surdo aos gritos aflitivos do povo que se debate com a mais ameaçadora das misérias: a fome. Não há gênero algum, mesmo os que são de produção do país que não tenham triplicado de valor; o arroz, o açúcar, o café, tudo enfim, é vendido por um preço tal que em breve será impossível a população menos abastada suprir-se dos alimentos indispensáveis a vida. Diante de tanta miséria, qual é a atitude desse governo tão forte e cheio de prestígio?

Nenhuma que nos conste.<sup>10</sup>

Para que se entenda melhor o diferencial trazido pelo *Gutenberg* e que enfatiza seus compromissos com os trabalhadores, convém lembrar alguns dos argumentos de Nelson Werneck Sodré quando do questionamento que fez acerca do projeto político de Gustavo de Lacerda de agrupar indistintamente os profissionais da imprensa numa única organização sindical<sup>11</sup>. De acordo com Sodré, se era possível reconhecer que a imprensa no Brasil – não tendo ainda ingressado na “etapa capitalista” – apresentava uma “incipiente divisão do trabalho”, resultando numa “profissionalização apenas relativa”; por outro lado, seria um equívoco supor que importantes distinções internas não tenham surgido desde logo. Para o autor, estava claro que, desde o último quartel do século XIX, abria-se o fosso que distinguia os donos dos jornais e seus interesses dos jornalistas (entendidos aqui como o “pessoal da redação”), ao mesmo tempo em que estes se distanciavam dos gráficos, “os assalariados puros, os proletários” de fato, dentre os profissionais da imprensa.

É sobretudo desse ponto de vista, do ponto de vista da sua condição proletária, que os gráficos do Amazonas, animadores tanto do *Gutenberg* e do *Operário*, quanto do anarco-sindicalista *A Lucta Social*, de 1914, se apresentam na arena jornalística amazonense.

#### Somos Operários

Não somos eruditos, nem herodotos; não freqüentamos Universidades ou Academias para adquirir um *papel* pelo qual se nos autorizasse a viver sem trabalhar. Não. Os nossos paes não eram burguezes nem mandões, por isso quem pensar encontrar nessas columns linitivo ao espírito ocioso que produz o rizo do burguez, engana-se. A

nossa escola é outra: Somos operários e a nossa illustração quer intellectual, quer material é a menos imperfeita de todos porque é colhida no templo onde as imagens são: – componedores, martellos, arados, serrotes, plainas, cutellos, enxadas, machados e, enfim, outros *santos* mais que se compõe nossa igreja cujo fim último é a propagação do trabalho, porque sem este era impossível a vida.

Repetimos: a nossa Universidade é a forja, o atelier, a humida mansarda, por isso não perderemos tempo com phases amenas que sóem deleitar o sentido auricular do leitor, porém, que em synthese, traduzem: – enganar com ellas o trabalhador afim de que este não acorde da lethargia em que jaz em alguns paizes onde a doutrina anarquista ainda é um mytho, e elles (escritores burguezes) ir vivendo à custa dessas phases das quaes fizeram profissão porque o exercício diário do trabalho lhes é prejudicial ao corpo. Nada como o descanso – é a theoria dos parasitas.<sup>12</sup>

Este nível de conscientização, de identificação e de pertencimento à classe operária apresentado pelos editores de *A Luta Social*, sem dúvida denota o amadurecimento político dos gráficos amazonenses. Por outro lado, embora de forma não tanto doutrinária, essa mesma identidade operária também aparece nos gráficos animadores do *Gutenberg*, seja quando defendem a urgência do processo associativo (propondo inclusive a criação de um partido operário), seja quando denunciam o descaso do poder público frente a demandas mais corriqueiras:

#### À Intendência Municipal

Sabeis perfeitamente que os redactores deste periódico são typographos, e deveis saber também, que o nosso trabalho quase sempre se prolonga até a noite.

Pois bem: pedimo-vos encarecidamente que façais com que o encarregado ou contractante da limpeza das ruas, lance suas vistas para a travessa 9 de novembro, pois, sendo pequena como é, parece que já cahio no esquecimento do mencionado empregado.<sup>13</sup>

A trajetória desses jornais é, portanto, extremamente rica e sua inserção no seio da classe trabalhadora permitiu perceber e refletir imagens da sociedade amazonense muito pouco evocada pelos outros órgãos de imprensa. O aparecimento do primeiro jornal operário no Amazonas deu-se com o *Gutenberg*, que saiu a 15 de novembro de 1891, coincidindo com o segundo aniversário da República. O último número de que se tem referência é o 25, cuja publicação data de 1º de julho de 1892. Infelizmente, só foram preservados, além destes dois números, o nº 19, de 1º de maio de 1892. A seqüência de saída dos três números revela que o jornal nem sempre manteve a periodicidade semanal anunciada.

- 
- <sup>1</sup> Cabe registrar a escassa produção acadêmica (e mesmo memorialista) sobre o tema. Comentários esparsos aparecem no trabalho de Foot Hardman e Victor Leonardi, onde os próprios autores reconhecem que “no Brasil ainda são raros os estudos monográficos sobre a imprensa operária, principalmente nos Estados mais afastados dos grandes centros industriais”. HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil: das origens aos anos 20*. São Paulo: Global, 1982, p. 315. Mais recentemente, cabe destacar o trabalho de COSTA, Francisca Deusa Sena da. Manaus e a Imprensa Operária: o discurso trabalhador também exclui. *Amazônia em Cadernos*, v. 2, n° 2/3, 1993/1994, p. 221-32.
- <sup>2</sup> Só no período que vai de 1851 a 1908 foram publicados em Manaus 371 jornais. Cf. Faria e Souza, J.B. de et al. *A Imprensa no Amazonas, 1851-1908*. Manaus: Tip. Da Imprensa Oficial, 1908, 77.
- <sup>3</sup> *A Tribuna*, n° 1. Manaus, 19 jan. 1911.
- <sup>4</sup> Uma crítica a esse respeito aparece em: SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem Tudo Era Italiano: São Paulo e Pobreza*. São Paulo, Annablume, 1998.
- <sup>5</sup> HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil*, p. 314.
- <sup>6</sup> FERREIRA, Maria de Nazaré. *Imprensa Operária no Brasil*. São Paulo: Ática, 1988, p. 23-24.
- <sup>7</sup> “O operário gráfico era privilegiado, pois além de saber ler e escrever, era relativamente bem remunerado, sendo considerado uma elite entre os trabalhadores, cujo trabalho era o mais intelectual dos ofícios manuais”. FERREIRA, Maria de Nazaré. *Imprensa Operária no Brasil*, p. 24.
- <sup>8</sup> *A Lucta Social*, n° 1. Manaus, 29 mar. 1914.
- <sup>9</sup> FERREIRA, Maria de Nazareth. *Imprensa Operária no Brasil*, p. 13.
- <sup>10</sup> *Gutenberg*, n° 19. Manaus, 1° mai. 1892.
- <sup>11</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 307-308.
- <sup>12</sup> *A Lucta Social*, n° 1. Manaus, 29 mar. 1914.
- <sup>13</sup> *Gutenberg*, n° 1. Manaus, 15 nov. 1891.